

[VOLTA AO SUMÁRIO]

SÉRGIO SÉRVULO FICOU MAIS ENCANTADO

Luiz Soares de Lima¹



Imagem – migalhas.com.br

¹ Luiz Soares de Lima é Procurador do Município de Santos, foi Procurador Geral da FUNAI, graduado em Filosofia e Direito e associado do IBAP

O poeta, filósofo e jurista santista, Sérgio Sérulo da Cunha, um dos derradeiros humanistas de nomeada, nos deixou. Todavia, seu encantamento nos tornou mais encantados .

Isso porque , acho, ele nos ensinou a viver e a morrer.

Arrisco dizer: ensinou isso a todos e a todas com quem conviveu.

Ensinou a gente a escutar, quando seu silêncio ensurdecedor nos envolvia atentamente.

Ensinou, sem esboçar gesto ou palavra, a ser ativo, grande, mas, sobretudo, humilde.

Ensinou a olhar para as pessoas, para as coisas e para tudo que nos cercava de uma forma direta. Não enviesada. Não se entortava ao olhar. Olhava com reflexão. Olhava tranquilamente e sem medo para o outro e para a outra. Sem tramas. Sem segundas intenções.

Ensinou a respeitar. Nunca a querer ser respeitado. Não precisava disso, por óbvio.

Tinha-se, é certo, por parte de muitos de nós, um pouco de receio de não ser tão gigante como ele. Mas, Sérgio Sérulo nunca nos disse isso. Tenho certeza de que ele me entenderia. Compreensão ele tinha demais da conta sô. Compreendia a todos e todas.

Se a compreensão pudesse ser ensinada, Sérgio, decerto, foi o ensinante.

Talvez, tivesse uma certeza que, parecia, momentaneamente, entristecê-lo. Não queria apenas ler o mundo, desejava e lutava para transformá-lo; para deixá-lo melhor para todos nós. Trabalhou para isso. Mas, sentia que o socialismo humanista derrapava. Sentia isso. Não o falava pra mim. Ora, queria ter dito a ele que o socialismo humanista sofria, parecia definhar, mas sobreviveria. Sérgio sabia-o (esse cair) circunstancial. Em outras palavras, apesar desta pandemia, a dura e burra circunstância era e é um paralelepípedo em nossas cabeças, mas isso não o impedia de dizer em alto e bom som: sejamos otimistas. porque o futuro grandioso espera a todos e todas

, à maneira do que foi escrito pelo filósofo espanhol Ortega Y Gasset “eu sou eu e minha circunstância e se não a salvo eu não me salvo”, que fortemente soava em nossos ouvidos e com certeza nos ouvidos do Sérgio, que lutava pelo sócio-humanismo logo que rompia a manhã e muitas manhãs foram se somando.

E, as manhãs somadas pesam. Isso é fato. Sérgio mais do que ninguém sabia quanto isso era um duro fato. Um pesadíssimo monólito que carregamos montanha acima para jogarmos despenhadeiro abaixo. E, nada obstante, como escreveu o filósofo italiano, Pietro Ubaldi: “somos o infinito aprisionados no finito”. Pietro Ubaldi nos deixou há quase 50 anos em nossa vizinha cidade calunga, não esqueçamos dele.

Sérgio Sérvulo, o Sérgio Paolozzi, por sua vez, relembremos, era e é um poeta modernista e, obviamente, enquanto poeta, poderia dispensar os versos românticos de seu colega das arcadas, Álvares de Azevedo: “...quando eu morrer/ enterrem o meu corpo na floresta de homens esquecida/ ponham uma cruz/ escrevam nela: foi poeta, sonhou e amou na vida”.

Nosso jurista, filósofo e poeta não precisava que escrevessem na cruz seus mistérios líricos.

Ele deixou reflexões jurídicas, filosóficas e seus poemas à farta.

Sérgio Sérvulo da Cunha, o jurista socialista, revolucionário e o filósofo, deixou-nos mais encantados quando poeta. Mostrou-se um paolozziano lírico.

E, a floresta dos homens continua por nós esquecida, mas ela, podemos ter certeza disso, serenamente nos aguarda.

O texto homenageia o Sérgio Sérvulo. É certo que a vida, de qualquer um de nós, não cabe em palavras. Por mais que a gente goste delas. Como escreveu João Cabral: “Sei que escrever no papel/ é mais fácil que na vida/o papel é página pura e passiva/ não é como a vida/Inquieta, explosiva.”